



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO
PARANÁ**

Centro de Letras, Comunicação e
Artes Mestrado Profissional em
Letras em Rede



ADRIANA TEIXEIRA ALVES

**LEITURA DO GÊNERO DISCURSIVO *CONTO*: UM
PLANO DE TRABALHO DOCENTE PARA TURMAS DO 9º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Cornélio Procópio-PR
2020

ADRIANA TEIXEIRA ALVES

**LEITURA DO GÊNERO DISCURSIVO CONTO: UM
PLANO DE TRABALHO DOCENTE PARA TURMAS DO 9ª
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Produto educacional
apresentado ao Mestrado
Profissional em Letras
(PROFLETRAS) da Universidade
Estadual do Norte do Paraná
(UENP), como requisito parcial à
obtenção do Título de Mestre em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia
Cristina de Oliveira Duarte.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Atividade Coletiva
TD	Trabalho Dirigido
PHC	Pedagogia Histórica Cultural
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
PTD	Plano do Trabalho Docente
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
PLANO DE TRABALHO DOCENTE.....	06
1- PRÁTICA SOCIAL INICIAL.....	09
2- PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
3- INSTRUMENTALIZAÇÃO.....	12
4-CATARSE.....	21
5- PRÁTICA SOCIAL FINAL.....	23
REFERÊNCIA	25
ANEXO A- CONTO TENTAÇÃO.....	27
ANEXO B – Contos AC 5	29

INTRODUÇÃO

Caro(a) professor(a), este material didático-pedagógico objetiva apoiá-lo na execução da prática docente, sobretudo, no que concerne às vivências nas aulas de Língua Portuguesa. Dessa forma, o intuito desse instrumental é sugerir atividades/ações que visam contribuir com as práticas de leitura do gênero discursivo *conto* em contexto escolar.

As atividades elaboradas destinam-se turmas do 9º ano do ensino fundamental II, contudo podem ser adaptadas para outras séries dessa etapa da educação básica. Nossa proposta é pautada nas etapas do Plano de Trabalho Docente – PTD (GASPARIN, 2015), que se, mobilizado de forma adequada, constitui-se um instrumento orientador do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. O método didático do PDT designa a utilização das diretrizes da teoria para colocá-las em práticas educativas, além disso, o PTD é pautado no método dialético de construção do conhecimento e na Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky (1994).

Partindo de tal proposta, as atividades sequenciadas de leitura, aqui mobilizadas, abordam o gênero conto, mais especificamente, o *conto Tentação* de Clarice Lispector, pertencente à obra *Felicidade Clandestina*. Assim, espera-se que este caderno pedagógico possa colaborar para o aprimoramento da prática leitora dos educandos do Ensino Fundamental II. Para isso, cabe ao educador verificar as necessidades dos educandos e fazer as adaptações necessárias.

Vale ressaltar que esse caderno pedagógico faz parte da dissertação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Norte do Paraná –UENP, intitulada: “Uma proposta teórico-metodológica de leitura para o ensino fundamental II mediada pelo gênero discursivo conto”, pois esse material é exigência das diretrizes básicas que orientam o trabalho final a ser realizado pelo acadêmico no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

Para tanto, estimulamos você, professor(a), nessa missão de construir e reconstruir um saber proativo, significativo e aprazível para ambos: educador e educando.

PLANO DE TRABALHO DOCENTE

O Plano de Trabalho Docente é sistematizado na didática da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), levando em conta a vivência do estudante como sendo uma das circunstâncias essenciais para auxiliar o trabalho científico e as práticas sociais dos alunos. Os professores e os educandos são “coautores do processo ensino-aprendizagem” (GASPARIN, p. 2015, 02) uma vez que “juntos devem descobrir a que servem os conteúdos científico-culturais propostos pela escola” (GASPARIN, 2015, p.02). O autor elucida que

Uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto. Como também ouvi-los sobre a prática social mediata, isto é, aquela prática que não depende diretamente do indivíduo, e sim, das relações sociais como um todo. (GASPARIN, 2015, p. 13)

As atividades elaboradas por meio do PTD, mobilizando o gênero discursivo *conto*, são baseadas nas cinco etapas, elaboradas por Gasparin (2015), conforme segue:

- 1. Prática Social Inicial:** é o contato inicial do aluno com o tema. É o ponto de partida para a mobilização e a construção de novos conhecimentos a partir do levantamento dos conhecimentos empírico dos alunos sobre o assunto;
- 2. Problematização:** Momento de transição entre a teoria e a prática, no qual são levantados situações-problemas para assim, iniciar a teorização dos conhecimentos empíricos dos alunos;
- 3. Instrumentalização:** Nessa etapa os alunos devem ser confrontados com o conteúdo sistematizado para que aprendam e recriem, modificando-o “em instrumento de construção pessoal e profissional” (GASPARIN, 2015, p. 51). Momento de construir o conhecimento científico.
- 4. Catarse:** É a síntese dos novos conhecimentos adquiridos. “Este é o momento da efetiva aprendizagem” (GASPARIN, 2015, p. 129).

5. Prática Social Final: Esse é o momento final de pôr em prática os novos conhecimentos. Essa etapa reflete “a transposição do teórico para o prático dos objetivos da unidade de estudo, das dimensões do conteúdo e dos conceitos adquiridos (GASPARIN, 2015, p. 139).

O **Quadro 1** mostra como Gasparin (2015) sistematizou o PTD para uso nas metodologias pedagógicas em sala de aula.

Quadro 1: Projeto de trabalho docente-discente na perspectiva histórico-critica desenvolvido na pesquisa-ação

PRÁTICA Nível de desenvolvimento Atual	TEORIA Zona de desenvolvimento imediato			PRÁTICA Novo nível de desenvolvimento atual
	PROBLEMATIZAÇÃO	INSTRUMENTALIZAÇÃO	CATARSE	
PRÁTICA SOCIAL Inicial do Conteúdo				PRÁTICA SOCIAL Final do conteúdo
<p>1) Listagem do conteúdo e objetivos: Unidade: Objetivo geral Tópicos de objetivos específicos</p> <p>2) Vivência cotidiana do conteúdo: a) O que o aluno já sabe: visão da totalidade empírica. b) Desafio: o que gostaria de saber a mais.</p>	<p>1) Identificação e discussão sobre os principais problemas postos pela prática social e pelo conteúdo.</p> <p>2) Dimensões dos conteúdos a serem trabalhados.</p>	<p>1) Ações docentes e discentes para construção do conhecimento. Relação aluno x objeto do conhecimento pela mediação docente.</p> <p>2) Recursos humanos e materiais.</p>	<p>Elaboração teórica da síntese, da nova postura mental. Construção da nova totalidade concreta.</p> <p>2) Expressão da prática da síntese. Avaliação: deve atender as dimensões trabalhadas e aos objetivos.</p>	<p>1) Intenção do aluno. Manifestação da nova postura prática, da nova atitude sobre o conteúdo e da nova forma de agir.</p> <p>2) Ações do aluno: Nova prática social do conteúdo, em função da transformação social.</p>

FONTE: GASPARIN, 2015, p.159

Baseado nas etapas do **quadro 1**, segue a introdução do PTD para as atividades desse caderno.

PLANO DE TRABALHO DOCENTE

Quadro 2: Introdução do PLANO DE TRABALHO DOCENTE

INSTITUIÇÃO ESCOLAR: X
CURSO: Ensino Fundamental II
DISCIPLINA: Língua Portuguesa
UNIDADE: Gênero discursivo conto
ANO: _____
TURMA: _____
HORAS/AULA: 23
PROFESSOR(A): _____

FONTE: Elaboração própria

Unidades de conteúdo: Gênero discursivo; Leitura dialógica;

Objetivo geral: Apropriar-se do gênero discursivo *conto* promovendo uma leitura significativa

•Tópicos do conteúdo

Tópico 1: O que é conto?

Objetivos específicos: Produzir conhecimentos sobre o gênero discursivo conto;

Identificar as características de um conto.

Tópico 2: Leitura dialógica do conto *Tentação* de Clarice Lispector

Objetivo específico: Efetuar a leitura do conto *Tentação*, que faz parte do livro *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector, 1999 e construir efeitos de sentidos.

1ª Etapa: PRÁTICA SOCIAL INICIAL DOS CONTEÚDOS

Professor(a):

Com os(as) alunos(as) sentados(as) em forma de semicírculo, inicie um debate com o objetivo de construir um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) sobre o gênero *conto*. Nessa etapa, o educando deve ser estimulado a falar sobre a vivência dele com o gênero discursivo *conto*. Incentive-o a comentar sobre o assunto.

Nesse momento, “ouvir os alunos possibilita ao professor tornar-se um companheiro” (GASPARIN 2015, p. 23) que suscita confiança na relação entre educador e educandos.

1º ENCONTRO: VIVÊNCIA COTIDIANA DO CONTEÚDO

1ª Etapa do PTD: PRÁTICA SOCIAL INICIAL DOS CONTEÚDOS

Tema: Gênero Conto em debate

Objetivos:

- Sondar os conhecimentos prévios dos educandos sobre o gênero conto;
- Registrar as repostas dos educandos;
- Estimular os educandos a contar uma história curta para a turma;

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor deve começar um debate sobre a temática para realizar o diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero conto.
- Sugere-se lançar questões que tenha como foco estimular a capacidade de assimilar sobre o gênero conto.
- Em seguida, o estudante deve contar uma história curta para a turma.
- Ao final, o professor deve exibir vídeos com pessoas contando histórias.

Recursos: vídeo, notebook, projetor

Tempo estimado de realização: 3h/a

2º ENCONTRO

1ª Etapa do PTD: PRÁTICA SOCIAL INICIAL DOS CONTEÚDOS

Objetivos:

- Definir o que os educandos já sabem e o que eles gostariam de aprender a mais sobre o gênero conto;
- Identificar as dimensões dos conteúdos a serem trabalhadas nas próximas aulas.

NOTA AO PROFESSOR

Aqui, professor, finaliza-se a 1ª etapa do PTD, Prática Social Inicial, pois é na vivência cotidiana do conteúdo que se faz o diagnóstico dos saberes dos alunos. E é lá também aqui que se identificam quais dimensões serão abordadas na problematização.

2ª Etapa: PROBLEMATIZAÇÃO

Professor(a):

Discutir sobre os principais problemas constatados na etapa I (prática social inicial dos conteúdos) referente ao gênero discursivo *conto*. Nesse momento, o educador seleciona as dimensões mais adequadas conforme o tema para serem trabalhadas na etapa III – Instrumentalização.

“A problematização é o fio condutor de todo o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma nova forma de considerar o conhecimento, tanto em suas finalidades sociais quanto na forma de comunicá-lo e reconstruí-lo”. (GASPARIN, 2015, p. 46-47)

2ª Etapa do PTD: PROBLEMATIZAÇÃO

Tema: Conhecendo o saber do educando

Objetivos:

- Debater com os alunos sobre as dimensões citadas no **quadro 3**.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor deve iniciar, resgatando a aula anterior, a fim de pontuar o que o aluno já sabe.
- Lançar para os alunos o desafio: “o que vocês gostariam de saber a mais?”
- Para melhor visualização, o professor deve usar o **quadro 3** como ferramenta para conceituar as dimensões e questões problematizadoras para as atividades posteriores. Lembrando que as dimensões são de acordo com as questões problematizadora da turma e não é necessário usar somente do quadro posterior.
- Por fim, o professor apresenta na sala de aula as dimensões e questões problematizadoras, baseada nas dúvidas e nos questionamentos dos alunos. Assim, eles podem verificar se as dúvidas e dificuldades estão sendo expostas e aprender

Recursos: quadro branco, pincel.

Tempo estimado de realização: 2h/a

Quadro 3: Dimensões e questões problematizadoras (exemplo)

DIMENSÕES	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
Conceitual/Científica	<ul style="list-style-type: none"> - O que é <i>conto</i>? - Qual a estrutura de um <i>conto</i>? - Quem escreve um <i>conto</i>? - Qual a diferença dos outros gêneros para o <i>conto</i>?
Social	<ul style="list-style-type: none"> - Para que serve um <i>conto</i> na sociedade? - Quais as relações entre um <i>conto</i> e a realidade da sua comunidade? - É importante conhecer <i>contos</i>?
Histórico	<ul style="list-style-type: none"> - Onde surgiu o <i>conto</i>? - Os contos sofreram alteração com a passagem do tempo? Por quê?
Escolar	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a finalidade do <i>conto</i> na escola? - Por que ler <i>conto</i> pode melhorar a leitura? - Quais as formas de interpretar os contos? - Existem vários tipos de <i>contos</i>? Quais?
Afetiva	<ul style="list-style-type: none"> - Contar e/ou ler um <i>conto</i> é prazeroso? - Através da leitura de um <i>conto</i>, as pessoas conseguem transmitir seus sentimentos? Justifique sua resposta.

FONTE: Elaboração própria

3ª Etapa: INSTRUMENTALIZAÇÃO

Professor(a):

Nessa etapa, a ação docente e discente é fundamental para a construção do conhecimento.

“A instrumentalização é a apresentação sistemático-dialógica do conteúdo científico, contratando-o com o cotidiano e respondendo às perguntas das diversas dimensões propostas”. (GASPARIN, 2015, p. 161)

3° ENCONTRO

3ª Etapa do PTD: INSTRUMENTALIZAÇÃO

Tema: Exploração do gênero conto

Objetivos:

- Trabalhar conteúdos com slide sobre definição, origem e características do conto.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- Exposição de slide com apontamentos sobre: o que é *conto*, qual sua origem, os tipos de *contos* e os elementos de um *conto*. Na elaboração dos slides sugiro a utilização de conceitos de Gotlib(1995), Fiorussi (2003) e Magalhães Júnior (1972) que foram abordados no TD- Sintetizando o conhecimento.
- O professor divide a turma em equipes e expõe contos que tem como temática e/ou personagem, um cachorro.
- Cada equipe deve escolher um conto e em seguida fazer a leitura coletiva.
- Por fim, os alunos devem responder o trabalho dirigido (TD) de identificação, conforme o **quadro 5**, do conto escolhido.

Recursos: livro didático, slide, notebook, projetor, cópia de diversos contos e caderno.

Tempo estimado de realização: 3h/a

Quadro 4: Contos iniciais

Contos iniciais			
	Contos	Autor(a)	Equipe
	Biruta	Lygia Fagundes Teles	
	Cão carioca	João Labrador	
	O cachorro canibal	Jose J da Veiga	
	Baleia	Graciliano Ramos	

FONTE: Elaboração própria

Quadro 5: TD - Reconhecimento do gênero *conto*

TD - Reconhecimento do gênero *conto*

VAMOS PRATICAR!

Equipe: _____

Nome do conto: _____

Autor: _____

Ano em que o conto foi escrito: _____

Elementos do conto

- Personagem(s)
- Enredo (introdução)
- Complicação
- Clímax
- Tempo
- Espaço
- Desfecho

FONTE: Elaboração própria

4° ENCONTRO**3ª Etapa do PTD: INSTRUMENTALIZAÇÃO**

Tema: Conhecendo a escritora Clarice Lispector

Objetivos:

- Conhecer a escritora Clarice Lispector e sua obra.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- Professor inicia a aula perguntando para os alunos sobre o conto escolhido baseado nas respostas do TD - reconhecimento do gênero *conto*.
- Em seguida os alunos devem pesquisar sobre a escritora Clarice Lispector, e anotar no caderno as principais informações encontradas na pesquisa.
- Após as pesquisas, o professor deve exibir a última entrevista da escritora, concedida em 1977, ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura.
- Por fim, os alunos devem expor sobre a pesquisa feita anteriormente.

Recursos:

livro didático, slide, notebook, projetor, vídeo, computador e caderno.

Tempo estimado de realização: 3h/a

5° ENCONTRO**3ª Etapa do PTD: INSTRUMENTALIZAÇÃO**

Tema: Conhecendo o *conto Tentação*

Objetivos:

- Responder questões sobre o *conto Tentação*.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor deve perguntar para os alunos quais são os elementos de um conto e o que eles encontraram sobre Clarice Lispector, lembrando a aula anterior.
- Em seguida, o professor apresenta um áudio com a voz da atriz Araci Balabanian do *conto Tentação*.
- Posteriormente, os alunos fazem a leitura do conto e em equipe, respondem a atividade de reconhecimento dos elementos do *conto Tentação*.
- Cada equipe deve responder oralmente a atividade e o professor escrever as respostas no quadro.

Recursos:

som, caderno, cópia do *conto Tentação*, quadro branco, pincel

Tempo estimado de realização: 2h/a

6° ENCONTRO**3ª Etapa do PTD: INSTRUMENTALIZAÇÃO**

Tema: *Conto Tentação*

Objetivos:

- Revisar e debater sobre contos.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor inicia a aula recordando as questões: Lembram do conto estudado ontem? Como se chama? Quem foi a autora?
- Em seguida, exibe dados sobre o *conto tentação* conforme o **quadro 6**.
- A partir desse momento, os alunos respondem o TD do **quadro 7** que consta questões com perspectivas de leitura baseada no texto, no autor e na interação autor-texto-leitor (MENEGASSI, 2010).

Recursos:

cópia da atividade, caneta ou lápis.

Tempo estimado de realização: 2h/a

Quadro 6: TD - Contexto de produção do conto

Contexto de produção do conto “Tentação”, de Clarice Lispector	
Produtor	Clarice Lispector
Finalidade	Possibilitar, por meio de uma linguagem fictícia, a partir de aspectos da vida real, salientar a solidão e a descoberta do outro nos instantes do dia a dia e na beleza poética.
Interlocutor	Os destinatários previstos são os leitores interessados pela literatura e pela leitura do livro “A legião estrangeira”.
Local de circulação	Sites da internet, bibliotecas, escolas etc.
Momento de produção	1964

FONTE: Elaboração própria

Quadro 7: TD - Identificando o *Conto* TentaçãoTD - Identificando o *Conto* Tentação

- 1) Quem é o criador deste *conto*?
- 2) Quais os personagens principais do *conto* Tentação?
- 3) O que aconteceu no *conto* Tentação? Conte com suas palavras.
- 4) Em que tempo e lugar ele provavelmente, o *conto* foi escrito?
- 5) Quem narra o *conto* Tentação e de qual maneira? O narrador participa da história (1ª pessoa) ou ele conta de fora (3ª pessoa)?
- 6) Escreva abaixo os elementos que compõem o *conto* Tentação.
 - Introdução:
 - Conflito:
 - Clímax:
 - Desfecho:
- 7) Em que lugar esse *conto* pode ser encontrado?
- 8) O final do *conto* foi feliz ou triste? Por quê?
- 9) Quais são as pessoas que podem gostar desse *conto*?
- 10) Qual o propósito social você indicaria para o *conto*?

FONTE: Elaboração própria

7º ENCONTRO**3ª Etapa do PTD: INSTRUMENTALIZAÇÃO**

Tema: Flexibilidade do gênero conto

Objetivos:

- Reconhecer os tipos de gêneros da escritora Clarice Lispector;
- Desenvolver a visão crítica do aluno;
- Compreender questões elaboradas com descritores.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor aborda sobre as questões aplicadas na aula anterior, ressaltando as dificuldades dos alunos apresentadas no TD “- Identificando o *Conto Tentação*”.
- Depois da mediação do professor, inicia-se a atividade do **quadro 8** com o objetivo de identificar os conceitos e os textos que são contos, usando a perspectiva de leitura baseada na interação autor-texto-leitor.
- Assim, esse momento finaliza-se contemplando as dimensões da etapa da problematização. O **quadro 8** traz questões que solicitam maior reflexão dos alunos.

Recursos:

cópia da atividade, caneta ou lápis

Tempo estimado de realização: 2h/a

Quadro 8: TD - Tipos de gêneros da escritora Clarice Lispector

ATD 1 - Tipos de gêneros da escritora Clarice Lispector

- 1) Para você, o que significa a palavra conto? Defina o que é conto e suas características.
- 2) Ler um conto pode ser divertido? Justifique sua resposta.
- 3) As pessoas conseguem transmitir seus sentimentos através do gênero conto? Por quê?
- 4) Identifique abaixo o fragmento dos textos que tem características de um conto.

Texto 1. VOCÊ É UM NÚMERO

“Se você não tomar cuidado vira um número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número. Sua identidade no Félix Pacheco é um número. O registro civil é um número. Seu título de eleitor é um número. Profissionalmente falando você também é. Para ser motorista, tem carteira com número, e chapa de carro. No Imposto de Renda, o contribuinte é identificado com um número. Seu prédio, seu telefone, seu número de apartamento - Tudo é número.”

FONTE: LISPECTOR, Clarice. A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (fragmento)

Texto 2. A HORA DA ESTRELA

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou[...].”

FONTE: LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (fragmento).

Texto 3. AMOR

“Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação. Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos.”

FONTE: LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. (fragmento).

FONTE: Elaboração própria

8º ENCONTRO

3ª Etapa do PTD: INSTRUMENTALIZAÇÃO

Tema: Reflexão

Objetivos:

- Dominar o conhecimento sobre o gênero *conto*;
- Reconhecer características do *conto Tentação*.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor deve aplicar a última atividade da etapa III do PTD – Instrumentalização. Nessa fase, o aluno já deve estar preparado para responder questões mais complexas e que indiquem se a construção do conhecimento está sendo efetiva.
- Aplicar o ATD do **quadro 9** que foi elaborado com as perspectivas de leitura (MENEGASSI, 2010) que tem como objetivo verificar como os alunos lidam com a temática do *conto Tentação* no cotidiano e que requer respostas subjetivas que reflitam os sentimentos dos educandos com o texto trabalhado na sala de aula.
- Para finalizar, é aplicada uma atividade com questões objetivas (ver **quadro 10**) utilizando-se os descritores do SPAECE: D3 (inferir o sentido de palavra ou expressão), D7 (Diferenciar a informação principal das secundárias em um texto) e D11 (reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e o conflito gerador). O objetivo dessa atividade é verificar se os educandos conseguiram resolver questões

Recursos:

cópia da atividade.

Tempo estimado de realização: 3h/a

Quadro 9: ATD - Desvendando o *Conto Tentação*

ATD - Desvendando o *Conto Tentação*

- 1) Na sua opinião, o título do *conto* Tentação trouxe-lhe alguma ideia acerca do tema que seria tratado na história? Esse assunto se confirmou no decorrer do *conto*?
- 2) Quem são as personagens do *conto*? Há algo em comum entre eles?
- 3) Em que local se passa a narrativa? Retire do texto a frase que fala do local onde ocorre o conto.
- 4) A menina se sentia diferente das outras pessoas? Se sim, escreva a frase do texto que retrata essa atitude.
- 5) Retire do texto a frase que expressa a ideia de “solidão”.
- 6) Explique baseado no *conto*, o que a menina fazia sozinha na calçada?
- 7) Atualmente, na sua opinião, como a solidão poderá afetar a vida dos jovens?
- 8) Para refletir: Será que há vários tipos de solidão? Como você definiria a frase: “sentir-se só”?
- 9) O que você costuma fazer quando está sozinho(a). Por quê?
- 10) A partir da leitura do *conto*, qual a conclusão que você chega sobre o final da história?

FONTE: Elaboração própria

Quadro 10: TD- Descritores com conto Tentação

TD - Descritores com *conto Tentação*

Sobre o *conto Tentação*, escolha a alternativa correta.

1. Descritores: D11- Habilidade: reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e/ou conflito gerador

“Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas.” A sentença revela uma narrativa em...

- a) primeira pessoa, um narrador onisciente.
- b) primeira pessoa, um narrador personagem.
- c) terceira pessoa, um narrador testemunha.
- d) terceira pessoa, um narrador onisciente.

2. Descritores: D11- Habilidade: reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e/ou conflito gerador

“O narrador é a entidade que *conta* uma história. É uma das três pessoas que participam do mundo da leitura em um conto, sendo os outros, o autor e o leitor”. No texto, *Tentação*, quem é o narrador?

- a) A menina ruiva
- b) A dona do cão *basset*
- c) Um cachorro da raça *basset*.
- d) Alguém presente na história, mas sem participar muito.

3. Descritor: D11- Habilidade: reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e o conflito gerador

Sobre a narrativa e a(s) personalidade(s) do personagem(s) é correto afirmar.

- a) A menina e o seu cabelo ruivo se constituem no personagem central
- b) O narrador e sua presença discreta se constitui no personagem central.
- c) O cachorro *basset* e seus pelos castanho-avermelhados se constitui o personagem central.
- d) A menina e o cão *basset*, na semelhança da cor ruiva, se constituem os personagens centrais.

4. Descritor: D7- Habilidade: Diferenciar a informação principal das secundárias em um texto

“O tema central do texto é aquele que gira em torno da problemática principal, geralmente é colocado pelo autor durante o desenvolvimento.” Qual é o tema central do *conto Tentação*?

- a) O cão *basset* passeando com sua dona
- b) O calor do sol das 2 horas da tarde
- c) A amizade do cão com sua dona
- d) A solidão da menina ruiva

5. Descritor: D3- inferir o sentido de palavra ou expressão

“Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça da menina flamejava.” A palavra destacada sugere que

- a) a menina estava preocupada, pois não havia pessoas na rua.
- b) a menina estava decepcionada com a solidão.
- c) a menina estava com a cabeça muito quente.
- d) a menina estava com dores de cabeça.

FONTE: Elaboração própria

4ª Etapa: CATARSE

Professor(a):

Nessa etapa, o aluno deve sintetizar todo o conteúdo mentalmente, mostrando sua mudança intelectualmente.

“A catarse representa a síntese do aluno, sua nova postura mental e a demonstração do novo grau de conhecimento a que chegou. Expresso pela avaliação espontânea ou formal.” (GASPARIN, 2015, p.162)

9° ENCONTRO

4ª Etapa do PTD: CATARSE

Tema: Contemplando as dimensões do PTD

Objetivos:

- Dominar os aspectos distintivos do gênero *conto*;
- Exercitar o conhecimento por meio de atividades escritas.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

- O professor resgata o conteúdo estudado na aula anterior, dando início, desse modo, à etapa da catarse do PTD que “é a manifestação do novo conhecimento” (GASPARIN, 2015, p.124). Na catarse, sintetiza o atual conhecimento adquirido pelos alunos e avalia se as dimensões e os objetivos iniciais foram atendidos.
- Aplica uma nova atividade tendo como suporte o conto *Tentação de Clarice Lispector* e levanta em consideração as dimensões citadas na etapa II do PTD (problematização) conforme o **quadro 11**.

Recursos:

cópia da atividade.

Tempo estimado de realização: 3h/a

Quadro 11: TD - Descritores com conto *Tentação*

TD : Sintetizando o conhecimento

1. Qual a origem do gênero *conto*? (**dimensão histórica**)
2. Agora que você conhece algumas características do gênero *conto*, que foram abordadas, marque V (verdadeiro) ou F (falso) para as proposições abaixo: (**dimensão conceitual/científico**)
 - () O *conto* é uma história inventada para entreter o leitor.
 - () É possível encontrar, no gênero *conto*, a demarcação precisa de tempo, espaço e das personagens.
 - () O conto é uma “narrativa curta” que vai direto ao tema e cada palavra é uma informação importante para entender o conto.
 - () No conto, cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado.

3. O texto *Tentação* de Clarice Lispector, enquanto narrativa, possui o formato de...**(dimensão conceitual/científico)**

- a) Um romance, porque apresenta um entrelaçamento de personagens de uma maneira complexa e um conflito amplo.
- b) Uma crônica, porque apresenta um entrelaçamento de personagens de maneira simples e um conflito instantâneo.
- c) Uma novela, porque apresenta um entrelaçamento de personagens de maneira equilibrada e um conflito amplo.
- d) Uma fábula, porque apresenta personagens num formato de animais com características e valores humanos e uma moralidade enquanto desfecho.
- e) Um conto, pois é uma simples narrativa que não faz detalhamento profundo sobre as características psicológicas dos personagens.

4) “A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.” Qual o sentimento presente, que predomina nesse encontro? **(dimensão afetiva)**

- a) Ansiedade b) Alegria c) Decepção d) Desencanto e) Tristeza

5. Na sua opinião, por que é importante estudar *conto* nas aulas de Língua Portuguesa? **(dimensão escolar)**

6. Há alguma relação entre o *conto* estudado e a realidade da sua comunidade? **(dimensão social)**

7. Quais as utilidades da leitura de *contos* para você e para sociedade? **(dimensão social)**

FONTE: Elaboração própria

5ª Etapa: PRÁTICA SOCIAL FINAL DOS CONTEÚDOS

Professor(a):

Essa é a etapa final do PTD. Os alunos devem ter uma nova postura prática nas ações, intenções e compromisso com o próprio conhecimento.

“A prática social final dos conteúdos é a manifestação da nova atitude prática do educando em relação ao conteúdo aprendido, bem como do compromisso de pôr em execução o novo conhecimento.” (GASPARIN, 2015, p. 162)

10° ENCONTRO

5ª Etapa do PTD: PRÁTICA SOCIAL FINAL DOS CONTEÚDOS

Tema: Consolidar conhecimentos

Objetivos:

- Demonstrar responsabilidades sobre o conhecimento adquirido nas aulas anteriores;
- Refletir sobre a nova atitude prática;
- Propor ações para cada atitude prática.

Recursos:

Cópia da atividade, quadro branco, pincel

Tempo estimado de realização: 2h/a

Quadro 12: Prática Social Final dos Conteúdos (exemplo)

Prática Social Final dos Conteúdos	
Nova atitude prática: intenções	Proposta de ação
Entender mais sobre <i>contos</i> .	Ler um livro de <i>contos</i>
Analisar criticamente um <i>conto</i> .	Conhecer e ler criticamente outros tipos de gêneros.
Conscientizar-se sobre importância da leitura	Ter práticas leitoras

Fonte: Elaboração própria baseada em Gasparin (2015)

Caro professor!

Chegamos ao final das etapas do PTD. Esperamos ter contribuído com sua prática docente.

“Na educação [...] não existe nada de passivo, de inativo. Até as coisas mortas, quando se incorporam ao círculo da educação, quando se lhes atribui papel educativo, adquirem caráter ativo e se tornam participantes ativos desse processo”. (VYGOTSKY, 2001, p. 70)

REFERÊNCIA

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

CEARÁ. **Secretaria da Educação**. SPAECE: Sistema Permanente de Avaliação da Educação. Fortaleza: SEDUC, 2008. Disponível em: <http://www.seduc.ce.gov.br/spaece.asp>. Acesso em: em 16 set 2018.

FIORUSSI, André. **De conto em conto**. São Paulo; Ática, 2003. p.103.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 42 ed. 2005.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores associados, 2015. 2ª reimpressão.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo Ática, 1995.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Laços de família**. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. Panorama especial. TV2 Cultura. **Entrevista** concedida a Júlio Lerner. São Paulo, fev. 1977. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 18 jun. 2019.

_____. **Tentação** (Voz de Aracy Balabanian). In: Le Comedie dell Arte [Canal youtube]. 02 mai. 2015. 5min 08s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBxhDJram7g>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **A Arte do Conto**. Rio de Janeiro, Bloch, 1972

MENEGASSI, R. J.; ANGELO, C. M. P. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (org). **Leitura e ensino**. Maringá: Eduem, 2010, p. 15-40.

_____. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T. B. (Org.). **Leitura: aspectos teóricos e práticos**. Maringá: Eduem, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 8a. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011b.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre/RS: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 3.ed. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo. Martins, 1994.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXO A- CONTO TENTAÇÃO

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento,

surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos - lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.

A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam.

Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-la dobrar a outra esquina.

Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

Fonte: LISPECTOR, Clarice. A legião estrangeira. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ANEXO B – Contos AC 5

BIRUTA (*contos iniciais*)

Alonso foi para o quintal carregando uma bacia cheia de louça suja. Andava com dificuldade, tentando equilibrar a bacia que era demasiado pesada para seus bracinhos finos.

- Biruta, eh, Biruta! - chamou sem se voltar.

O cachorro saiu de dentro da garagem. Era pequenino e branco, uma orelha em pé e a outra completamente caída.

- Sente-se aí, Biruta, que vamos ter uma conversinha - disse Alonso pousando a bacia ao lado do tanque. Ajoelhou-se, arregaçou as mangas da camisa e começou a lavar os pratos.

Biruta sentou-se muito atento, inclinando interrogativamente a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda, como se quisesse apreender melhor as palavras do seu dono. A orelha caída ergueu-se um pouco, enquanto a outra empinou, aguda e ereta. Entre elas, formaram-se dois vincos, próprios de uma testa franzida do esforço de meditação.

- Leduína disse que você entrou no quarto dela - começou o menino num tom brando. - E subiu em cima da cama e focinhou as cobertas e mordeu uma carteirinha de couro que ela deixou lá. A carteira era meio velha e ela não ligou muito. Mas se fosse uma carteira nova, Biruta! Se fosse uma carteira nova! Me diga agora o que é que ia acontecer se ela fosse uma carteira nova!? Leduína te dava uma surra e eu não podia fazer nada, como daquela outra vez que você arreventou a franja da cortina, lembra? Você se lembra muito bem, sim senhor, não precisa fazer essa cara de inocente!...

Biruta deitou-se, enfiou o focinho entre as patas baixou a orelha. Agora, ambas as orelhas estavam no mesmo nível, murchas, as pontas quase tocando o chão. Seu olhar interrogativo parecia perguntar:

"Mas o que foi que eu fiz, Alonso? Não me lembro de nada..."

- Lembra sim senhor! E não adianta ficar aí com essa cara de doente, que não acredito, ouviu? Ouviu, Biruta?! - repetiu Alonso lavando furiosamente os pratos. Com um gesto irritado, arregaçou as mangas que já escorregavam sobre os pulsos finos. Sacudiu as mãos cheias de espuma. Tinha as mãos de velho

- Alonso, anda ligeiro com essa louça! - gritou Leduína, aparecendo por um momento na janela da cozinha. - Já está escurecendo, tenho que sair!

- Já vou indo - respondeu o menino enquanto removia a água da boca. Voltou-se para o cachorro. E seu rostinho pálido se confrangeu de tristeza. Por que Biruta não se emendava, por que? Por que razão não se esforçava um pouco para ser melhorzinho? Dona Zulu já andava impaciente. Leduína também. Biruta fez isso, Biruta fez aquilo...

Lembrou-se do dia em que o cachorro entrou na geladeira e tirou de lá a carne. Leduína ficou desesperada, vinham visitas para o jantar, precisava encher os pastéis, "Alonso, você não viu onde deixei a carne?" Ele estremeceu. Biruta! Disfarçadamente, foi à garagem no fundo do quintal, onde dormia com o cachorro num velho colchão metido num ângulo de parede. Biruta estava lá deitado bem em cima do travesseiro, com a posta de carne entre as patas, comendo tranquilamente. Alonso arrancou-lhe a carne, escondeu-a dentro da camisa e voltou à cozinha. Deteve-se na porta ao ouvir Leduína queixar-se à dona Zulu que a carne desaparecera, aproximava-se a hora do jantar e o açougue já estava fechado, "o que é que eu faço, dona Zulu?"

Ambas estavam na sala. Podia entrever a patroa a escovar freneticamente os cabelos. Ele então tirou a carne de dentro da camisa, ajeitou o papel já todo roto que a envolvia e entrou com a posta na mão

- Está aqui Leduína.

- Mas falta um pedaço!

- Esse pedaço eu tirei pra mim. Eu estava com vontade de comer um bife e aproveitei quando você foi na quitanda.

- Mas por que você escondeu o resto? - perguntou a patroa, aproximando-se

- Porque fiquei com medo.

Ele ainda tinha bem viva na memória a dor brutal que sentira nas mãos corajosamente abertas para os golpes da escova. Lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Os dedos foram ficando roxos, mas ela continuava batendo com aquele mesmo vigor obstinado com que escovara os cabelos, batendo, batendo, como se não pudesse parar mais.

- Atrevido! Ainda te devolvo pro asilo, seu ladrãozinho!

Quando ele voltou à garagem, Biruta já estava lá, as duas orelhas caídas, o focinho entre as patas, piscando, piscando os olhinhos ternos. "Biruta, Biruta, apanhei por sua causa, mas não faz mal."

Biruta então ganiu sentidamente. Lembre-lhe as lágrimas. Lembre-lhe as mãos.

Isso tinha acontecido há duas semanas. E agora, Biruta mordera a carteirinha de Leduína. E se fosse a carteira de dona Zulu?

- Hem, Biruta?! E se fosse a carteira de dona Zulu?

Já desinteressado, Biruta mascava uma folha seca.

- Por que você não arrebenta minhas coisas? - prosseguiu o menino elevado a voz. - Você sabe que tem todas as minhas pra morder, não sabe? Pois agora não te dou presente de Natal, está acabado. você vai ver se ganha alguma coisa. Você vai ver!...

Girou sobre os calcanhares, dando as costas ao cachorro. Resmungou ainda enquanto empilhava a louça na bacia. Em seguida, calou-se, esperando qualquer reação por parte do cachorro. Como a reação tardasse, lançou-lhe um olhar furtivo. Biruta dormia profundamente.

Alonso então sorriu. Biruta era como uma criança. Por que não entendiam isso? Não fazia nada por mal, queria só brincar... Por que dona Zulu tinha tanta raiva dele? Ele só queria brincar, como as crianças. Por que dona Zulu tinha tanta raiva de crianças?

Uma expressão desolada amarfanhou o rostinho do menino. "Por que dona Zulu tem que ser assim? O doutor é bom, quer dizer, nunca se importou nem comigo nem com você, é como se a gente não existisse, Leduína tem aquele jeitão dela, mas duas vezes já me protegeu. Só dona Zulu não entende que você é que nem uma criancinha. Ah Biruta, Biruta, cresça logo, pelo amor de Deus! Cresça logo e fique um cachorro sossegado, com bastante pelo e as duas orelhas de pé! Você vai ficar lindo quando crescer, Biruta, eu sei que vai!"

- Alonso! - Era a voz de Leduína. - Deixe de falar sozinho e traga logo essa bacia. Já está quase noite, menino.

Alonso ergueu-se afobadamente. Mas antes de pegar a bacia meteu a mão na água e espargiu-a no focinho do cachorro.

- Chega de dormir, seu vagabundo!

Biruta abriu os olhos, bocejou com um ganido e levantou-se, estirando as patas dianteiras, num longo espreguiçamento.

O menino equilibrou penosamente a bacia na cabeça. Biruta seguiu-o aos pulos, morrendo-lhe os tornozelos, dependurando-se com os dentes na barra do seu avental.

- Aproveita, seu bandidinho! - riu-se Alonso. - Aproveita que eu estou com a mão ocupada, aproveita!

Assim que colocou a bacia na mesa, ele inclinou-se para agarrar o cachorro. Mas Biruta esquivou-se, latindo. O menino vergou o corpo sacudido pelo riso.

- Aí, Leduína que o Biruta judiou de mim!...

A empregada pôs-se guardar rapidamente a louça. Estendeu-lhe uma caçarola com batatas:

- Olhá para o seu jantar. Tem ainda arroz e carne no forno.

- Mas só eu vou jantar? - surpreendeu-se Alonso ajeitando a caçarola no colo.

- Hoje é dia de Natal, menino. Eles vão jantar fora, eu também tenho a minha festa. Você vai jantar sozinho.

Alonso inclinou-se. E espiou apreensivo para debaixo do fogão. Dois olhinhos brilharam no escuro: Biruta estava lá. Alonso suspirou. Era bom quando Biruta resolvia se sentar! Melhor ainda quando dormia. Tinha então a certeza de que não estava acontecendo nada. A trégua. Voltou-se para Leduína.

- O que o seu filho vai ganhar?

- Um cavalinho - disse a mulher. A voz suavizou. - Quando ele acordar amanhã, vai encontrar o cavalinho dentro do sapato dele. Vivia me atormentado que queria um cavalinho, que queria um cavalinho...

Alonso pegou uma batata cozida, morna ainda. Fechou-a nas mãos arroxeadas.

- Lá no asilo, no Natal, apareciam umas moças com uns saquinhos de balas e roupas. Tinha uma que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. A madrinha. Um dia, me deu sapato, um casaquinho de malha e uma camisa.

- Por que ela não ficou com você?

- Ela disse uma vez que ia me levar, ela disse. Depois, não sei por que ela não apareceu mais...

Deixou cair na caçarola a batata já fria. E ficou em silêncio, as mãos abertas em torno a vasilha. Apertou os olhos. Deles, irradiou-se para todo o rosto uma expressão dura. Dois anos

seguidos esperou por ela. Pois não prometera levá-lo? Não prometera? Nem lhe sabia o nome, não sabia nada a seu respeito, era apenas " a madrinha". Inutilmente a procurava entre as moças que apareciam no fim do ano com os pacotes de presentes. Inutilmente cantava mais alto do que todos no fim da festa, quando então se reunia aos meninos da capela. Ah, se ela pudesse ouvi-lo!

"... O bom Jesus é quem nos traz
A mensagem de amor e alegria"...

- Também é muita responsabilidade tirar crianças para criar! - disse Leduína desamarrando o avental. - Já chega os que a gente tem...

Alonso baixou o olhar. E de repente sua fisionomia iluminou-se. Puxou o cachorro pelo rabo. Riu-se:

- Eh, Biruta! Está com fome, Biruta? Seu vagabundo! Vagabundo!... Sabe, Leduína, Biruta também vai ganhar um presente que está escondido lá debaixo do meu travesseiro. Com aquele dinheirinho que você me deu, lembra? Comprei uma bolinha de borracha, uma beleza de bola! Agora dele não vai precisar mais morder suas coisas, tem a bolinha só pra isso. Ele não vai mais mexer em nada, sabe, Leduína?

- Hoje cedo ele não esteve no quarto da dona Zulu?

O menino empalideceu.

- Só se foi na hora em que fui lavar o automóvel... Por que Leduína? Por quê? Que foi que aconteceu?

Ela hesitou. E encolheu os ombros.

- Nada. Perguntei à toa.

A porta abriu-se bruscamente e a patroa apareceu. Alonso encolheu-se um pouco. Sondou a fisionomia da mulher. Mas ela estava sorridente. O menino sorriu também.

- Ainda não foi pra sua festa, Leduína? - perguntou a moça num tom afável. Abotoava os punhos do vestido de renda. - Pensei que você já estivesse saído... - E antes que a empregada respondesse, ela voltou-se para Alonso: - Então? Preparando seu jantarzinho?

O menino baixou a cabeça. Quando ela lhe falava assim mansamente, ele não sabia o que dizer.

- O Biruta está limpo, não está? - Prosseguiu a mulher, inclinando-se para fazer uma carícia na cabeça do cachorro. Biruta baixou as orelhas, ganiu dolorido e escondeu-se debaixo do fogão.

Alonso tentou encobrir-lhe a fuga:

- Biruta, Biruta! Cachorro mais bobo, deu agora de se esconder... - Voltou-se para a patroa. E sorriu desculpando-se: - Até de mim ele se esconde.

A mulher passou mão no ombro do menino:

- Vou a uma festa onde tem um menino assim do seu tamanho. Ele adora cachorros. Então me lembrei de levar o Biruta emprestado só por esta noite. O pequeno está doente, vai ficar radiante, o pobrezinho. Você empresta seu Biruta só por hoje, não empresta? O automóvel já está na porta. Ponha ele lá que já estamos de saída.

O rosto do menino resplandeceu num sorriso. Mas então era isso?!... Dona Zulu pediu o Biruta emprestado, precisando do Biruta!... Abriu a boca para dizer-lhe que sim, que o Biruta estava limpinho, e que ficaria contente de emprestá-lo para o menino doente, estava muito contente com isso... Mas sem dar-lhe tempo de responder, a mulher saiu apressadamente da cozinha.

- Viu, Biruta? Você vai numa festa! - exclamou Alonso, beijando repetidas vezes o focinho do cachorro. - Você vai numa festa, seu sem-vergonha! Numa festa com crianças, com doces. com tudo! Mas pelo amor de Deus, tenha juízo, nada de desordens! Se você se comportar, amanhã cedinho te dou uma coisa. Vou te esperar acordado, hem? Tem um presente no seu sapato ... - acrescentou num sussurro, com a boca encostada na orelha do cachorro. Apertou-lhe a pata. - Te espero acordado, Biruta. Mas não demore muito!

O patrão já estava na direção do carro. Alonso aproximou-se.

- O Biruta, doutor...

O homem voltou-se ligeiramente. Baixou os olhos.

- Está bem, está bem. Pode deixá-lo ai atrás.

Alonso ainda beijou furtivamente o focinho do cachorro. Em seguida, fez-lhe uma última carícia, colocou-o no assento do automóvel e afastou-se correndo.

- Biruta vai adorar a festa! - exclamou assim que entrou na cozinha. - E lá tem doces, tem

crianças, ele não quer outra coisa! - Fez uma pausa. Sentou-se. - Hoje tem festa em toda parte, não, Leduina?

A mulher já se preparava para sair.

- Decerto.

Alonso pôs-se a mastigar pensativamente.

- Foi hoje que Nossa Senhora fugiu no burrinho?

- Não, menino. Foi hoje que Jesus nasceu. Depois então é que aquele rei manda prender os três.

Alonso concentrou-se, apreensivo:

- Sabe, Leduina, se algum rei malvado quisesse matar o Biruta, eu me escondia com ele no meio do mato e ficava morando lá a vida inteira, só nós dois!... - Riu-se metendo uma batata na boca. E de repente ficou sério, ouvindo o ruído do carro que já saía. - Dona Zulu estava linda, não?

- Estava.

- E tão boazinha também. Você não achou que hoje ela estava boazinha?

- Estava, estava muito boazinha, sim... - concordou a empregada. E riu-se.

- Por que você está rindo?

- Nada - respondeu ela pegando a sacola. Dirigiu-se à porta. Mas antes, parecia querer dizer qualquer coisa de desagradável e por isso hesitava, contraindo a boca.

Alonso observou-a. E julgou adivinhar o que a preocupava.

- Sabe, Leduina, você não precisa dizer para Dona Zulu que ele mordeu sua carteirinha, eu já falei com ele, já surrei ele, ele não vai fazer mais isso nunca mais, eu prometo que não.

A mulher voltou-se para o menino. Pela primeira vez encarou-o. E após vacilar ainda um instante, decidiu-se:

- Olha aqui, se eles gostam de enganar os outros, eu não gosto, entendeu? Ela mentiu para você, Biruta não vai mais voltar.

- Não vai o quê? - perguntou Alonso pondo a caçarola em cima da mesa. Engoliu com dificuldade o pedaço de batata que ainda tinha na boca e levantou-se. - Não vai o quê, Leduina?

- Não vai mais voltar. Hoje cedo ele foi no quarto dela e rasgou um pé de meia que estava no chão. Ela ficou daquele jeito. Mas não te disse nada e agora de tardinha, enquanto você lavava a louça, escutei toda a conversa dela com o doutor: que não queria mais esse vira-lata, que ele tinha que ir embora hoje mesmo, e mais isso, e mais aquilo... O doutor pediu para ela esperar, que amanhã dava um jeito, você ia sentir muito, hoje era Natal... Não adiantou. Vão soltar o cachorro bem longe daqui e depois seguem para a festa. Amanhã ela vinha dizer que o cachorro fugiu da casa do tal menino. Mas eu não gosto dessa história de enganar os outros, não gosto. É melhor que você fique sabendo desde já, o Biruta não vai voltar.

Alonso fixou na mulher o olhar inexpressivo. Abriu a boca.

A voz era um sopro quase inaudível:

- Não?

Ela perturbou-se.

- Que gente também! - explodiu. Bateu desajeitadamente no ombro do menino. - Não se importe, não, filho. Vai, vai jantar...

Ele deixou cair os braços ao longo do corpo. E arrastando os pés, num andar de velho, foi saindo para o quintal. Dirigiu-se à garagem. A porta de ferro estava erguida. A luz do luar, uma luz branca e fria, chegava até a borda do colchão desmantelado.

Alonso cravou os olhos brilhantes e secos num pedaço de osso roído, meio encoberto sob um rasgão do lençol. Ajoelhou-se. E estendeu a mão tateante. Tirou debaixo do travesseiro uma bola de borracha.

- Biruta - chamou baixinho. - Biruta... - repetiu. E desta vez só os lábios se moveram e não saiu som algum.

Muito tempo ele ficou ali ajoelhado, imóvel, segurando a bola.

Depois apertou-a fortemente contra o peito, como se quisesse enterrá-la no coração.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. Histórias escolhidas. São Paulo: Boa Leitura Editora, 1961.

CÃO ACHADO (contos iniciais)

Vou a um negócio de homens, desta vez tens de ficar em casa, disse Cipriano Algor ao cão, que corra para ele quando o viu aproximar-se da furgoneta. É claro que o Achado não necessitava que o mandassem subir, bastava que lhe deixassem aberta a porta do carro o tempo suficiente para perceber que não o expulsariam depois, mas a causa real da sobressaltada corrida, por muito estranho que possa parecer, foi ter ele suposto, em sua ansiedade de cão, que o iam deixar sozinho. Marta, que saíra para o terreiro conversando com o pai e o acompanhava à furgoneta, tinha na mão o sobrescrito com os desenhos e a proposta, e embora o cão Achado não tenha ideias claras sobre o que são e para que servem sobrescritos, propostas e desenhos, conhece da vida, em todo o caso, que as pessoas que se dispõem a entrar em carros costumam levar consigo coisas que, em, geral, mesmo antes de para eles subirem, atiram para o banco de trás. Instruído por estas experiências, percebe-se que a memória do Achado o tenha levado a pensar que Marta iria acompanhar o pai nesta nova saída da furgoneta. Apesar de estar aqui há poucos dias, não tem dúvidas de que a casa dos donos é a sua casa, mas o seu sentido de propriedade, por incipiente, ainda não o autoriza a dizer, olhando em redor, tudo isto é meu. Aliás, um cão, seja qual for o tamanho, a raça e o carácter, jamais se atreveria a pronunciar palavras tão brutalmente possessivas, diria, quando muito, tudo isto é nosso, e ainda assim, revertendo ao caso particular destes oleiros e dos seus bens móveis e imóveis, o cão Achado nem daqui a dez anos será capaz de ver-se a si mesmo como terceiro proprietário. O máximo a que talvez consiga chegar quando for cão velho é ao obscuro e vago sentimento de participar em algo arriscadamente complexo e, por assim dizer, de escorregadias significações, um todo feito de partes em que cada uma é, ao mesmo tempo, a parte que é e o todo de que faz parte. Ideias aventurosas como esta, que o cérebro humano, grosso modo, é mais ou menos capaz de conceber, mas que logo tem uma enorme dificuldade em trocar por miúdos, são o pão nosso de cada dia nas diferentes nações caninas, quer de um ponto vista meramente teórico quer no que se refere às suas consequências práticas. Não se pense, contudo, que o espírito dos cães é como uma nuvem bonançosa que levemente passa, uma alvorada primaveral de suave luz, um tanque de jardim com cisnes brancos vogando, se o fosse não teria o Achado começado, de repente, a ganhar lastimeiro, E eu, e eu, dizia ele. Para responder a tal desgarramento de alma aflita, não tinha achado Cipriano Algor, apreensivo como ia pela responsabilidade da missão que o levava ao Centro, melhores palavras que desta vez ficas em casa, o que valeu ao angustiado animal foi ter visto Marta dar dois passos atrás depois de ter entregado o sobrescrito ao pai, assim ficou o Achado ciente de que não o iriam deixar sem companhia, na verdade, mesmo constituindo cada parte, de per si, o todo a que pertence, como cremos que já deixámos demonstrado por $a + b$, duas partes, desde que estejam unidas, fazem muita diferença no total. Marta acenou ao pai um cansado gesto de adeus e voltou para casa. O cão não a seguiu logo, ficou à espera de que a furgoneta, depois de descer a ladeira para a estrada, desaparecesse por trás da primeira casa da povoação. Quando daí a pouco entrou na cozinha, viu que a dona estava sentada na mesma cadeira em que tinha trabalhado durante estes dias. Passava os dedos pelos olhos uma, e outra vez como se precisasse de aliviá-los de uma sombra ou de uma dor. Decerto por estar no tenro verdor da mocidade, Achado não teve ainda tempo de adquirir opiniões formadas, claras e definitivas sobre a necessidade e o significado das lágrimas no ser humano, no entanto, considerando que esses humores líquidos persistem em manifestar-se no estranho caldo de sentimento, razão e crueldade de que o dito ser humano é feito, pensou que talvez não fosse desacerto grave chegar-se à chorosa dona e posar-lhe docemente a cabeça nos joelhos. Um cão mais idoso, e por essa razão, supondo que a idade está obrigada a suportar culpas duplicadas, mais cínico do que o cinismo que não pode evitar ter, comentaria com sarcasmo o afetuoso gesto, mas isso deveria ser porque o vazio da velhice o teria feito esquecer-se de que, em assuntos do coração e do sentir, sempre o demasiado foi melhor que o diminuído. Comovida, Marta passou-lhe devagar a mão pela cabeça, acariciando-o, e, como ele não se retirava e continuava a olhá-la fixamente, pegou num carvão e começou a riscar no papel os primeiros traços de um esboço. Ao princípio, as lágrimas impediam-na de ver bem, mas, pouco a pouco, ao mesmo tempo que a mão ganhava segurança, os olhos foram aclarando, e a cabeça do cão, como se emergisse do fundo de uma água turva, apareceu-lhe na sua inteira

beleza e força, no seu mistério e na sua interrogação. A partir deste dia, Marta vai querer tanto ao cão Achado como sabemos que já lhe quer Cipriano.

Fonte: SARAMAGO, José. A Caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.85-87.

O CACHORRO CANIBAL (*contos iniciais*)

Percebia-se que era um cachorro por causa do rabo metido rente entre as pernas, quase colado na barriga, e também um pouco por causa dos olhos, de uma tristeza tão funda que só podiam ser olhos de cachorro escorraçado. As patas não se firmavam no chão como as de qualquer cachorro razoavelmente seguro de si; pisavam a medo, apalpando experimentando. (Depois se soube que ele tinha perdido os cascos pelos caminhos, ficando as plantas em carne viva.) De onde estaria vindo, ninguém se interessou em saber; ele apenas parou ali, lamentável e infeliz, muito cansado para continuar andando. Apareceu de manhã, e quem o viu deitado numa nesga de grama debaixo do jasmineiro pensou em um cão errante, igual a tantos que cruzam o mundo em todas as direções, parando e farejando mas sempre em marcha, como se incumbidos de alguma missão urgente, cujo endereço e propósito só eles sabem; nem valia a pena providenciar comida, provavelmente ele não estaria mais lá quando a comida chegasse.

Mas aquele parecia não ter pressa ou intenção de seguir, e lá ficou deitado de lado, não propriamente descansando porque as moscas não deixavam, mas fazendo o possível por conseguir algum sossego.

Via-se que estava faminto, mas o cansaço impressionava mais, talvez devido a seu litígio incessante contra as moscas. Às vezes ele parecia pensar que pudesse acomodar a cabeça entre as patas e deixar ao resto do corpo o trabalho de repelir os inimigos. O rabo não parava de açoitar o ar, e todo o pelo tremia repuxado pelas contrações dos músculos; mas essa estratégia era logo descoberta e as moscas concentravam o ataque na cabeça e nas orelhas. Eram tantas e tão insistentes que ele não podia ignorá-las por muito tempo: bocava o ar indignado e às vezes até se levantava de um pulo para poder persegui-las melhor - mas a dor causada pelos talos de grama nas plantas desprotegidas advertia-o de que ele não estava em condições de ser muito enérgico.

Uma criança da casa viu-o ainda no mesmo lugar lá pelo meio da tarde e levou-lhe uns restos de comida. Ele estudou o menino com olhos desconfiados e concluiu que não havia perigo daquele lado. Comeu, lambeu o prato, balançou o rabo para mostrar que apreciara a gentileza. Deve ter passado a noite no mesmo lugar, mas ninguém ouviu latidos nem uivos. De manhãzinha chamaram-no para dentro e o menino deu-lhe um banho na torneira do pátio. Ele não resistiu nem criou dificuldades, era o primeiro a reconhecer a necessidade de limpeza, sabia que um cachorro limpo leva vantagem por onde anda.

Com o banho ele começou a levantar o rabo, primeiro por ter recuperado um pouco da dignidade, segundo por suspeitar que dentro de pouco haveria mais comida. Quando um cachorro errante é levado para dentro de uma casa e recebe o luxo de um banho, a sequência lógica é um prato de comida.

Mas aí começa também a fase difícil das relações entre cão e gente. Como esperava, ele recebeu o seu almoço; e não tendo sido enxotado, interpretou a situação como significando que seria tolerado. Mas pode um cão contentar-se com a simples tolerância? Quando se sente apenas tolerado, um cão de respeito tem dois caminhos a seguir: ou exige atenção, ou vai embora para outro lugar onde possa se impor. A retirada é sempre humilhante, ele sabe que no momento em que vira as costas começou o esquecimento - isso se não acontece o pior- nem percebem que ele se foi; muito tempo depois é que alguém indaga distraidamente, "é verdade, que fim levou aquele cachorro que andava por aí?" Farejando o ambiente ele percebeu que

podia escolher o primeiro caminho com grande probabilidade de êxito.

Para começar, era preciso não exagerar na gratidão. Se um cachorro mostra muita gratidão as pessoas podem pensar que ele não está habituado com bom trato e acabam relaxando nas atenções; nesse caso não há mais esperança para ele naquela casa. A melhor maneira de impor-lhes respeito é fazê-las pensar. Quando alguém pensa, "o que é que esse miserável julga que é? O Rei do Mundo?", o cachorro pode ficar descansado que o seu lugar está garantido. Em vez de se atirar aos pés da primeira pessoa que lhe estala os dedos, o cachorro ajuizado deve mostrar uma certa frieza. Só depois que a pessoa insistir é que ele deve atender, assim mesmo sem pressa. Se não houver insistência o cachorro nada terá a perder; pelo contrário, convém sempre desconfiar das que não insistem.

Aplicando todas as suas habilidades na fase difícil dos primeiros contatos ele conseguiu fazer-se notado e respeitado. Em pouco tempo já estava dormindo onde bem quisesse, sem receio de que o pisassem ou enxotassem. Esta é a grande prova de prestígio canino: não ser tocado do lugar que escolheu para deitar-se.

E gostaram tanto dele na casa que estragaram tudo com a solicitude de amaciar-lhe a vida. Vendo-o brincar sozinho no jardim alguém se lembrou de arranjar-lhe um companheiro menor. Pensaram que assim ele ficaria mais feliz, e de fato ficou por algum tempo. Passava horas rolando com o menorzinho na grama, ensinando-o a viver e a ser respeitado, e quem os via embolados no chão pensava: "Que graça! Até parecem irmãos!" E como aprendia depressa aquele ladrãozinho malhado!". Em pouco tempo já estava passeando de colo, aliás uma lição que o maior não ensinou. Aproveitando-se da inocência do cãozinho as pessoas da casa conquistaram-no completamente, numa inversão ridícula de papéis. Dava engulhos ver a sofreguidão dele atendendo os chamados mais absurdos, a humildade na aceitação de censuras e castigos. Aquele estado de coisas não podia acabar bem. Mais dia menos dia ...

A situação agravou-se quando começaram a tomar liberdades com o cão maior, decerto inspirados pela intimidade excessiva que mantinham com o outro. Já não o deixavam dormir onde quisesse, e não escondiam o desgosto de vê-lo dentro de casa. Ele ia suportando tudo com paciência, esperando que a loucura passasse.

Mas não paciência que resista a abusos.

Ele estava dormindo de patas pra cima no canto de uma varanda ladrilhada, que nem era no meio ou na passagem, mas no canto, ninguém podia dizer que estivesse obstruindo. Mesmo assim alguém achou de encher a boca de água e vir de mansinho esguichá-la nele. Ora, isso assusta e aborrece. Num rápido movimento rolado ele ergueu-se e ficou parado sem compreender, mas a água escorrendo pelas pernas e a pessoa enxugando a boca e olhando com olhos maldosos diziam tudo. Foi uma traição mesquinha, mas mesmo assim ele achou melhor não perder a compostura, não latiu nem fez escândalo. Retirou-se com relativa dignidade para a sombra do jasmineiro.

A ideia veio de repente, já como decisão. O ladrãozinho malhado tinha acabado de tomar banho e espojava-se ao sol a poucos metros de distância. O outro levantou-se da sombra, esticou as patas dianteiras ao comprimento do corpo, como se fosse deitar-se noutra posição, mas era apenas para se espreguiçar; abriu a boca num bocejo enorme e caminhou para o pequenino. Quando esse, que estava deitado de costas dando coices para o ar, sentiu aquela pata pesada no peito, julgou tratar-se de alguma brincadeira e ainda rosnou de brinquedo. A primeiras dentadas feriu-o na carne mole do ventre. Achando que a brincadeira muito bruta ele decidiu retirar-se, rosnando e mordendo o outro no pescoço, mas o queixinho novo não tinha força para fazer mal, e o outro prosseguiu com seu projeto, começando pelas partes tenras, com certeza já de cálculo para não sair perdendo caso se fartasse antes ou tivesse que fugir por motivo de força maior. Mas ninguém veio acudir, aqueles dois viviam brigando e fazendo as pazes. Quando ele começou a enjoar só restavam os ossos mais duros e uma mancha de sangue na grama. Os ossos ele carregou para longe, escondeu, enterrou; o sangue ficou como

enigma para as pessoas da casa.

Se ele pensava que ia ser feliz daí por diante, deve ter omitido em seus cálculos algum elemento muito importante; porque desde esse dia ele mudou completamente, a ponto de parecer outro cachorro. É claro que as pessoas da casa interpretavam a mudança como consequência da perda do companheiro (O que não deixava de ser) e combinaram ter paciência com ele.

Dava pena vê-lo de cabeça baixa, num ir e vir incessante, sem encontrar sossego em parte alguma. Mesmo quando parecia descansar, deitado de lado em um tapete, o bojo das costelas arfando compassado, o brilho do pelo ondulado com a respiração, podia-se ver que o repouso era aparente. Olhando bem, via-se que os músculos nunca estavam em completo descanso, havia neles uma constante trepidação, um zumbir de alta voltagem. Bastava um ruído distante, um leve toque, mesmo de uma penugem pousando, para ele saltar nas quatro patas, as orelhas armadas, os olhos furando o tempo - o que acontecia também sem nenhuma razão aparente.

Por uma misteriosa repulsão as pessoas passaram evitá-lo, não lhe afagavam mais a cabeça, não lhe alisavam o pelo, ninguém lhe amarrotavam as orelhas para ouvi-lo ganir, o que é também uma forma de mostrar a um cão que se gosta dele. Agora era só respeito, um respeito apreensivo. Às vezes ele se instalava numa passagem, parece que desejando que o maltratasse, que o enxotasse, que o humilhasse; mas o que se via era as pessoas tomarem trabalho para não incomodá-lo, se afastarem para lhe dar passagem. Não sabendo chorar ele procurava gastar a angústia caminhando sem parar, talvez na esperança de se cansar e cair de vez. E quanto mais se movimentava, mais dava a impressão de estar contido entre barras de uma jaula.

Fonte: VEIGA, José J. Os melhores contos de José J. Veiga. São Paulo: Global, 1989.

BALEIA (contos iniciais)

A CACHORRA Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa nas bases, cheia de moscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

- Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o

chiqueiro das cabras.

Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinhá vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por topar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugar-los, resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

Os meninos começaram a gritar e a espernear. E como sinhá Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga:

- Capeta excomungado.

Na luta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade. Safadinho. Atirou um cocorote ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens.

Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinhá Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconveniência deixar cachorro doido solto em casa. Mas compreendia que estava sendo severa demais, achava difícil Baleia endoidecer e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável.

Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos. Sinhá Vitória encolheu o pescoço e tentou encostar os ombros às orelhas. Como isto era impossível, levantou um pedaço da cabeça.

Fabiano percorreu o alpendre, olhando as barúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis:

-Ecô! ecô!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a e esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos de Baleia, que se pôs latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na caca chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí por um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e

esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha as folhas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros. Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteira, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas. Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latina: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tomavam-se quase imperceptíveis.

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas polegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente os preás tinha fugido.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

O objeto desconhecido continuava a ameaçá-la. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera. Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a importância em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades.

Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinhá Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na

cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil no barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, sinhá Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do outro peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Fonte: RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*, 82ªed. Rio de Janeiro: Record. 2001. p. 85-91.

